

Centro de Vitória parece abandonado

Fotos de Nestor Muller

Mudam-se prefeitos, mas o Código de Posturas de Vitória continua sendo flagrantemente desrespeitado em praticamente toda a área do centro da cidade. Num passeio por suas ruas, é fácil constatar que as infrações registram número significativo, a começar pela ocupação das calçadas por camelôs, bancas de lojas, carros e andaimes.

Para o pedestre resta bem pouco, e a situação torna-se bem mais desagradável nos dias chuvosos, como o de ontem. Sombrinhas e guarda-chuvas cruzando-se em espaços exíguos e pessoas irritadas, tendo que arriscar suas vidas fora das calçadas entre os veículos que, com raríssimas exceções, sempre desenvolvem velocidade incompatível com o local por onde circulam.

FISCALIZAÇÃO

Recentemente, o próprio secretário de Serviços Urbanos da Prefeitura de Vitória, Ornóbio Camata, admitiu: "Não tem jeito. É um emaranhado de desrespeito". É, pelo que se viu ontem nas ruas centrais da capital, tal fato não vem sendo fiscalizado pelo poder público. Afinal, não se pode negar a existência do Código de Posturas do Município, instituído pela lei 2.481, em 11 de fevereiro de 1977.

Basta uma pequena olhada em algumas de suas páginas para que se consiga identificar o que está sendo desrespeitado. Mas é preciso checar, **in loco**, o desrespeito, dando um "pequeno passeio" pela cidade. A caminhada começa na avenida Duarte Lemos, na Vila Rubim, outrora frequentada apenas pelos consumidores de renda baixa e hoje com seus espaços disputados também pela classe média.

Ali, pode-se identificar um número incontável de bancas de camelôs — e também das lojas regularizadas junto aos órgãos competentes — sobre as calçadas. Em frente ao número 176, a calçada está quebrada, e uma senhora, criança no colo, quase cai ao tentar passar pelo local, dislpticamente. Já no número 135, um fato que, atualmente, consegue-se flagrar em momentos relativamente raros: alguém lavou calças compridas, blusas, colchas e lençóis e estendeu todas as peças sobre o murinho da varanda. Cena da Vitória antiga.

Mais em frente, na calçada oposta, o gerente das Casas Marcus, "especializadas em confecções, roupas de cama, mesa e banho", admite que as bancas que expõem peças, instaladas bem no meio do passeio público, são sempre muito procuradas. "Mercadoria bem posicionada vende mais", diz um vendedor, alegando que, se a fiscalização proibisse, tal fato não estaria acontecendo.

E a caminhada continua na mesma direção, levando a passar sobre pista de rolamento de veículos, vindo das bancas de retalhos de tecidos e também das cascas de mexerica

lançadas ao chão por um consumidor menos avisado, logo após ter adquirido o produto de um vendedor ambulante. Nesta época do ano, há muita mexerica, laranja e maçã expostas nas calçadas (ainda bem que não são jaboticabas, cujas cascas levam ao chão os transeuntes com mais facilidade).

Na mesma avenida Duarte Lemos, próximo ao número 94, resta apenas o "esqueleto" de uma construção abandonada. Sua fachada, no entanto, serve como espaço de comercialização de calções coloridos, ali pendurados por um camelô. Já na Marcus de Azevedo, a obstrução das calçadas pelos camelôs e por bancas de lojas continua, assim como também pode-se observar o mau estado de conservação do prédio localizado no número 145, danificado e sujo em sua fachada.

É é também na fachada da Faculdade de Farmácia e Bioquímica (Fafabes), na avenida Cleto Nunes, que se identifica sujeira e desgaste da parede. A calçada existente em frente ao prédio está tomada de bancas de camelôs, sempre preocupados com o que pode acontecer após publicação de matéria que critique sua permanência na cidade. Caminhando um pouco mais, bem ao lado da 3ª Circunscrição do Serviço Militar (CSM), uma área de estacionamento mostra coberturas danificadas, seguras por pedras, comprometendo a estética local.

ESTÉTICA?

E por falar em estética, no cruzamento das avenidas República e Cleto Nunes, em em frente a uma farmácia, uma baiana (a mulher veste um traje típico) prepara acarajés cercada por cascas de laranja. Há muita sujeira na esquina, onde os pedestres se espremem para passar pela calçada, onde está também localizada uma enorme banca de revistas e um carrinho de laranjas, dotado da tradicional máquina de descascar a fruta.

Bem ao lado do centro de saúde, um guarda aproveitava a tarde chuvosa para multar alguns dos muitos veículos estacionados sobre a calçada. Mais invasores do espaço destinado ao pedestre. Seguindo pela rua General Osório, sujeira, esgoto rompido, laranjas, mexericas, maçãs, cocadas e usuários do transporte coletivo misturam-se nas calçadas.

Na avenida Florentino Avidos, todos os pilares de sustentação da galeria onde se instala o antigo hotel Estoril estão "decorados" com cartazes de propaganda, comprometendo a estética e, por isso, proibidos pela legislação municipal.

A rua Nestor Gomes, segundo a proprietária de uma loja existente bem no seu início, "é a lixeira da cidade". Margeando as calçadas, a sujeira realmente não pode ser contestada; está lá, assim como continua malcheirosa a escadaria do palácio. Seu chafariz, localizado na parte baixa,



Quem percorre o centro da cidade chega a concluir que esquecera m de que a área merece a atenção

também se transformou num depósito de lixo, há muito não-recolhido.

Andando mais um pouquinho, já na avenida Jerônimo Monteiro, depara-se, novamente, com um incontável número de cartazes, desta vez, afixados na fachada do edifício das Repartições Públicas. Na calçada, há também lixo e rede de esgoto rompida. Em frente, três prédios de Vitória antiga necessitam de reparos urgentes. São antigos, mas não é por esse fato que podem continuar sujos e maltratados. Em frente ao relógio da praça Oito, o novo calçadão, próximo à área de estacionamento de motocicletas, tem mato nas suas margens. Os canteiros de plantas, com ar de abandono, são também utilizados como depósitos de lixo.

Um vazamento em frente à agência dos Correios e Telégrafos — que passa por uma reforma completa — dá um aspecto ainda mais desagra-

dável ao local. No centro da avenida Jerônimo Monteiro, bem em frente à agência do Banerj, a pista apresenta um buraco de proporções significativas. Bem próximo a ele, uma água fétida acumula-se ao lado da calçada: mais uma tubulação de esgotos a apresentar problemas.

Há entulhos também nas calçadas da rua do Rosário, onde um andaime obstruiu a passagem dos pedestres atrás do teatro Carlos Gomes — que sofre reformas em sua estrutura física. E é dessa mesma obra o material (entulho) acumulado na rua João Caetano. Em frente ao teatro, vários andaimes deixam para o pedestre um espaço bastante reduzido para sua caminhada.

Na rua Barão de Itapemirim, também existe esgoto rompido, mau cheiro e sujeira. Em frente ao prédio da Coordenação de Pagamento de Pessoal, tombado pelo Conselho Esta-

dual de Cultura, duas faixas sujas, enroladas pelo vento, falam sobre Tancredo Neves e Festival de Amor. Em todo o centro da cidade, o capixaba também se depara com mais faixas, anunciando shows e exaltando o nome do atual prefeito, José Moraes, empossado no cargo na tarde da última terça-feira.

Mais alguns passos e encontra-se mais pichação e cartazes afixados, desta vez nas paredes do prédio onde funcionou a antiga Faculdade de Filosofia (Fafi), hoje fechado e desgastando-se pela ação do tempo. E os fatos se repetem no início da avenida Jerônimo Monteiro, onde termina a caminhada: os pontos de ônibus estão tomadas pelas barracas de camelôs, carrinhos de pipoca e demais guloseimas. Há também esgoto rompido e, para tristeza dos usuários do transporte coletivo, faltam abrigos nos pontos de parada dos coletivos.